

Escola Bíblica Semanal

Lição 3 - Evangelho de Mateus – Sermão da Montanha e Narrativa de Milagres (5.1 a 9.34)

1 – Introdução à lição

Nesta terceira lição estudaremos o primeiro dos cinco discursos de Jesus apresentados por Mateus, o chamado “Sermão da Montanha”, contendo as famosas “bem-aventuranças” e também estudaremos a narrativa após este sermão, tratando do ministério de milagres de Jesus.

Depois da extensa seção pedagógica do Sermão da Montanha, Mateus apresenta uma série de dez milagres feitos por Jesus, coerente com a afirmação do ministério de ensino, pregação e cura apresentado em 4.23. A atenção de Mateus é fixada mais nos ensinamentos de Jesus do que em suas ações e toda vez que mais de um evangelho inclui uma seção pedagógica, a de Mateus sempre é a mais extensa e detalhada, em nítido contraste com a forma abreviada de apresentar os milagres que também aparecem no evangelho de Marcos.

2 – Primeiro Discurso: O Sermão da Montanha (5.1 a 7.29)

A mensagem desta parte de Mateus é algo maravilhoso, um sermão de preparação para os discípulos, aquele círculo mais íntimo que a multidão e chamado para segui-lo em todo o tempo. Nele Jesus revelou seu pensamento em relação à lei e demonstrou que posição social, autoridade humana e dinheiro não são importantes em seu Reino, o que importa é a fiel obediência a Deus. O sermão da montanha desafiou os líderes religiosos daquela época, orgulhosos e legalistas. O sermão os chamou de volta às mensagens dos profetas do AT, que, como Jesus, ensinaram que a obediência sincera a Deus é mais importante do que a aplicação leviana da lei.

Ao ver as grandes multidões, Jesus subiu ao monte e se assentou, o que era a forma típica de um rabino ensinar, diferente da forma que estamos acostumados, herdada de gregos e romanos, a oratória de pé. Assim como Moisés recebeu a lei no monte Sinai, Jesus, o autor da lei, pronunciou a lei do Reino na encosta de um monte.

Até então Jesus havia convocado ao arrependimento e anunciado a proximidade do Reino dos Céus e talvez muitos tenham se perguntado como entrar nesse Reino. Jesus começa então a expor a assim chamada “Lei do Reino”.

O relato nos mostra que os discípulos aproximaram-se dele, mas não fala da multidão, dessa forma entendemos que mesmo que outros tenham também ouvido, esse discurso é endereçado aos discípulos e não à multidão. É uma palavra dirigida àqueles que seguem Jesus de perto, não à turba desejosa de milagres. Tristemente, uma grande parcela da Igreja de Jesus nestes dias não está vivendo este sermão, e na verdade está bem longe dele.

2.1 – Makarios! (5.1 a 5.12)

O que lemos em português por “bem-aventurados” é a tradução da palavra grega “makarios”, que significa algo sublime, referindo-se àquele que é feliz, abençoado, andando conforme a vontade de Deus. Era como se Jesus estivesse pronunciando o segredo da verdadeira felicidade. Além de ser uma bênção que Jesus dava aos que cumprissem as condições, é também uma

declaração da realidade ou essência daqueles que mostram a virtude mencionada no pronunciamento. Dentro de cada bem-aventurança há três partes: o estado de ser bem-aventurado, a condição a ser cumprida e a recompensa. Precisamos entender os significados que Jesus dava a estas palavras e não confundir com os significados contemporâneos, para melhor entendermos este maravilhoso sermão.

Há pelo menos quatro considerações sobre as bem-aventuranças: são um código de ética para os discípulos e um padrão de conduta para todos os cristãos; contrastam os valores do Reino, que é eterno, com os terrenos, que são temporários; contrastam a fé superficial dos religiosos com a fé real que Cristo exige; demonstram que as expectativas do AT serão cumpridas no novo Reino. As bem-aventuranças não nos permitem escolher aquelas que nos agradam e desprezar as demais, devem ser consideradas como um todo, pois relacionam o que nós enfrentamos e como devemos agir como seguidores de Cristo.

Tratemos agora de cada bem-aventurança.

Os pobres de espírito são aqueles que reconhecem sua pobreza espiritual, sua necessidade de Deus, não aqueles que se auto depreciam. Talvez uma melhor tradução seja “Bem-aventurados são aqueles que sentem a sua necessidade espiritual”. O pobre de espírito é totalmente dependente de Deus e é modesto quanto a si mesmo, não pensando de si mais do que convém (Rm 12.3). Este é bendito porque se arrepende de sua pecaminosidade e reconhece sua inferioridade em relação a Jesus, seu estado totalmente desgraçado longe de Deus e sua enorme necessidade de não ter qualquer orgulho, porque nada tem. Dos tais é o Reino dos céus, por que o Reino tem um Rei e para estar lá é necessária absoluta obediência, coisa típica de um pobre de espírito totalmente dependente de Jesus, o Rei.

Chorar vem logo a seguir da pobreza de espírito, porque aquele que percebe que está falido de bens espirituais que o tornariam digno de estar com Deus, chora sobre o fato. Quando confrontamos Deus e sua santidade e contemplamos a vida que devemos viver, vemos a nós mesmos em nosso total desamparo e falta de esperança. Este choro leva ao arrependimento e a conversão, e além de ser realizado no ato da conversão continua por toda a vida do cristão, pois percebemos nosso próprio pecado que ainda habita nosso coração carnal e percebemos também o pecado que nos rodeia, e lastimamos. Aquele que ama ao Senhor detesta o pecado, pois o pecado é inimigo de Deus, odeia a Deus e se levanta contra Deus (Sl 139.21-22). Ao ver o pecado em si e no mundo, chora e é consolado, tanto no tempo presente, através do perdão e da comunhão com Jesus, quanto no tempo futuro, através da glorificação e habitação nas moradas celestiais.

Os mansos, ou humildes, não são aqueles tolinhos que não sabem reagir e fazem a si mesmo de capacho do pecado e do mundo. Manso é aquele que recebe a Palavra de Deus no coração sem questionar ou resistir, cumprindo em si mesmo a vontade do Pai. Moisés, legislador, comandante e homem de guerra, era manso, mais do que todos os homens que havia na terra (Nm 12.3). Jesus, o Rei, aquele que virá para fazer justiça e que tem uma espada afiada em sua boca (Ap 19.15) e vem apregoar o dia da vingança do nosso Deus (Is 61.2) é manso e humilde de coração (Mt 11.29). O exercício da mansidão está primeira e principalmente relacionado a Deus.

Muitos usam este versículo para acusar os servos de Deus que duramente confrontam o pecado, mas esta aplicação está errada, pois Jesus, aquele que devemos imitar, não tolerava o pecado, mas amava o pecador (Mt 21.12) (Mc 11.15). A mansidão aqui citada não é o falar suavemente, que é bom, nem o ter resposta branda, que é excelente (Pv 15.1), é aquele estado de espírito em que aceitamos os tratos de Deus conosco como bons e, portanto, sem discussão ou resistência.

Estes herdarão a terra, contrariando o pensamento mundano que os aptos e fortes vencerão e possuirão. Na verdade serão exterminados todos aqueles que se opõem ao Rei e ele dará o controle da terra aos seus servos, os mansos, pois aqueles que souberam reger a própria vontade, submetendo-a a vontade de Deus, poderão agora receber muito mais para reger. Fiel no pouco, sobre o muito será colocado (Mt 25.21-23).

Os que tem fome e sede de justiça são assim para consigo mesmo, desejando ser justos, desejando ser bons e andar em retidão, desejando a salvação. Não é o desejo de justiça sobre seus

opponentes, porque isto é um coração vingativo e a vingança não nos pertence (Rm 12.19). Estes que têm um bom apetite espiritual serão fartos, pois na era presente o Espírito de Deus nos transforma e aperfeiçoa e na era futura seremos glorificados com Cristo, deixando para trás o pecado.

Misericordioso é aquele que não dá ao outro o que o outro merece, mas lhe dá o que não merece. Assim é o Senhor conosco, pois não nos dá a ira e o castigo, mas a graça e a salvação. Assim recebemos, assim devemos dar (Mt 18.23-35). A misericórdia traduz-se também em atos de bondade e assistência aos necessitados, ao pobre, à viúva e ao órfão. Não há misericórdia inerte, ela e a bondade em ação. Quem assim proceder, assim alcançará. Não trata-se de salvação por meio de obras, pois Jesus não está tratando aqui de como obter a salvação, mas daquilo que o salvo deve proceder em sua vida para desenvolver sua salvação, operando-a, colocando-a em ação (Fp 2.12).

Um coração puro é um coração que não tem, em si, nada que seja contrário ao amor de Deus. Trata-se de algo tipicamente operado apenas pelo Espírito Santo, pois só ele pode tornar-nos assim, ainda que devamos rumar nessa direção e buscar tal purificação. Precisamos entender que ninguém tem em si mesmo algo para se orgulhar, pois tal transformação é obra de Deus (Jr 9.24).

O que tem um coração limpo vê a Deus nesta era através da maravilhosa operação do Espírito Santo em sua vida e nas vidas dos crentes, mas verá a Deus face a face na era vindoura, conforme sua promessa (I Co 13.12).

Os pacificadores levam a paz do Senhor, não a paz que o mundo dá, que é falsa (Jo 14.27). Os pacificadores tem em si paz, pois submetem-se à vontade de Deus, subjugando sua carne e vivendo o evangelho em si mesmo. Quando assim fazem, naturalmente levam a paz de Cristo àqueles com quem falam, pois a salvação opera paz e mesmo muitas vezes quando não há conversão do pecador, ainda assim ele sente no seu coração uma paz maior por estar perto de um filho de Deus. É a calma da tempestade que Cristo proporciona, o tempo para que o pecador se arrependa, mas se ele não se arrepender, essa paz será afastada e virá a ira de Deus.

Filhos de Deus são os salvos, logo entendemos que todo salvo deve ser um pacificador.

Os perseguidos por causa da justiça têm o Reino dos Céus. Sabemos que a verdadeira bondade atrai oposição e traz galardão. Não é possível que um praticante da justiça, um seguidor de Jesus Cristo, passe por esta vida incólume, sem sofrer perseguição alguma (2 Tm 3.12). Este é um bom sinal de alerta, pois se o mundo ama alguém, esse alguém não está em Cristo, pois o mundo odeia Cristo e tudo o que é seu.

Cuidado! A perseguição aqui citada é aquela causada por causa da justiça, não a simples perseguição por causa de nossos próprios pecados, essa não traz galardão algum (I Pe 2.20).

2.2 – A influência dos discípulos (5.13-16)

Ao falar sobre o sal da terra e a luz do mundo, Jesus deu-nos ordens expressar para modificarmos a realidade ao nosso redor, ou pela conversão dos pecadores ou por sua repulsa ao evangelho, mas onde está um filho de Deus não pode haver indiferença. Somos sal e luz e devemos dar sabor e iluminar. A luz é detestada pelo pecado, que a revela, mas permite ao pecador perceber sua sujeira e buscar aquele que limpa, Jesus.

Não podemos ficar escondidos, nem que tentemos. Se conseguimos, não somos servos do altíssimo, pois mesmo em silêncio o Espírito Santo que há em nós opera, e mostra aos perdidos que algo de diferente há, pois o silêncio de um justo clama mais alto que as muitas palavras de um perdido. Repito: se conseguimos passar despercebidos, não somos servos de Deus.

2.3 – A justiça dos discípulos (5.17-48)

Ao contrário do que muitos pensavam, Jesus veio para cumprir plenamente a lei, pois a parte dos procedimentos civis estava encerrada em sua profecia sobre a breve destruição de

Jerusalém, o que acabaria com o Estado de Israel, só refeito em 1948 sob uma legislação laica; a parte dos procedimentos ritualísticos seria plenamente cumprida em seu sacrifício pleno de cordeiro de Deus e a parte dos valores morais seria em muito elevada na ética do Reino, a qual é muito mais rigorosa que a lei e é explicada por Jesus a seguir. Jesus nos chama a uma justiça superior à dos fariseus e mestres da lei, pois sua justiça era apenas aparente e meramente legalista.

O guardar-se do homicídio sob a lei era um mero “não matar”, mas o homicídio na ética do Reino e um “não odiar” e o verdadeiro discípulo ainda deve amar aquele que o odeia, orar por ele e praticar o bem a ele, em conformidade com a lei (Ex 23.3-4) e aperfeiçoando-a.

O guardar-se do adultério era um mero “não fazer sexo ilícito”, mas na ética do Reino era não desejar no coração o praticar do sexo ilícito, também em conformidade com a lei (Ex 20.17) e aperfeiçoando-a.

O divórcio era anteriormente permitido, mas o era para minimizar o dano, não como uma liberalidade, pois a mulher abandonada sofria muito mais dano que aquela que recebia carta de divórcio, mas o divórcio sempre foi e sempre será pecado (Mt 2.16). Jesus eleva este preceito e explica que a única coisa que separa um casal é o adultério, a imoralidade sexual, e que todo outro tipo de divórcio é adultério.

Os juramentos são trazidos a um novo nível, o da proibição, pois o discípulo deve ser verdadeiro ao ponto que todas as suas palavras sejam plenamente confiáveis. Quantos discípulos de Jesus hoje são conhecidos pelo mundo como “enrolões”, cheios de palavras e pouco confiáveis? Não deve ser assim. Seja o nosso sim, sim e o nosso não, não, sempre, sem concessões, sem mentirinhas, pois mentira é coisa do diabo e o que assim procede peca.

A vingança é do Senhor, e a lei apenas previa uma limitação, para que a retribuição não fosse maior que o dano, mas Jesus quer misericórdia praticada por seus discípulos, tal qual ele praticou.

O ódio aos inimigos era um acréscimo de rabinos judeus ao mandamento bíblico de Lv 19.18, mas Jesus veementemente proibiu isto, ordenando-nos o amor aos próximos e aos inimigos. O amor se traduz em ações práticas (Lc 10.29-37), e é o maior dos mandamentos, tanto em relação a Deus quanto em relação aos homens (Lc 10-27).

2.4 – A prática de fé dos discípulos (6.1-34)

A única vez que a Bíblia fala em religião é em Tg 1.27 “A religião pura e imaculada para com Deus, o Pai, é esta: Visitar os órfãos e as viúvas nas suas tribulações, e guardar-se da corrupção do mundo.” O resto, o que temos visto e chamado de religião, são ritualismos sem sentido que separam o homem de Deus.

Jesus ordenou a prática de obras de justiça, de assistência e cuidado, mas ordenou-nos a fazê-los em segredo, para amar o próximo e agradar o Pai, não para amar a nós mesmos e agradar a multidão.

Também assim deve ser a oração, que deve ser feita no segredo do quarto. Há aquele tempo maravilhoso de oração em comum, entre o casal ou entre a congregação, mas o modelo de oração é solitário, só o discípulo e o Rei, em íntima comunhão.

Jesus até mesmo ensinou-nos um modelo de oração, onde o nome de Deus é exaltado e sua vontade magnificada, então pedimos o alimento, pedimos e anunciamos o perdão e suplicamos o livramento da tentação e do mal, então glorificamos o nome do Senhor.

Esta oração modelo maravilhosa serve tanto para aprendermos a fazer as nossas orações e conversarmos com o Pai celestial quanto para a recitarmos solitariamente ou em conjunto, pois são maravilhosas palavras de Jesus Cristo, um ensino a toda a Igreja em todos os lugares e em todos os tempos.

Lembremos que aqui o perdão de Deus é veementemente condicionado ao nosso perdão àqueles que nos ofendem e a falta do perdoar implica em falta de receber perdão. Sem

misericórdia não há misericórdia.

Jesus não ordenou o jejum, ele já o deixou claro como prática comum da vida do servo do Senhor, pois não disse “se jejuarem”, mas “quando jejuarem”, e explicou como realizar esta prática. Devemos parecer alegres durante o jejum, e de fato estar alegres, pois estamos mortificando a carne, abrindo os olhos espirituais e cumprindo a vontade de Deus, o que são motivos de grande alegria ao discípulo de Jesus.

Devemos ter tesouros, mas não os tesouros terrenos, que desaparecem. Devemos acumular tesouros nos céus. Um homem inteligente fará esforços e sofrerá privações por um pouco de tempo, se isto resultar em grande abundância pelo resto de sua vida. Assim é conosco, pois nesta vida não temos nossas vontades realizadas, por que muitas são as vontades da carne, e servimos ao nosso Senhor amado; na vida eterna, que devemos sempre lembrar que dura para sempre, seremos servidos e usufruiremos daquilo que, de tão bom que é, ninguém jamais viu, ouviu ou imaginou (I Co 2.9).

Nossas preocupações não devem estar nas coisas desta vida, pois ainda que padeçamos necessidades temporárias teremos a glória eterna. Um coração transformado pelo Espírito Santo espontaneamente se voltará para as coisas do alto e, ainda que possua muitos tesouros e riquezas, usufruirá deles como se não os possuísse, sempre tendo sem coração em Jesus e usando suas posses para ser bênção. Um bom exemplo disso foi o servo Jó, que em plena desgraça disse: “bendito seja o nome do Senhor!” (Jó 1.21).

2.5 – A vida dos discípulos (7.1-29)

A prática comum naqueles dias era julgar os outros, fazer longas exortações públicas e separar-se daqueles considerados inferiores, mas Jesus ordenou algo superior aos discípulos, novamente vemos aqui a ética do Reino sendo superior à prática dos homens.

A oração deve ser uma prática constante, com sinceridade (pedir), perseverança (buscar) e fervor (bater). Se nós, homens e mulheres pecadoras, sabemos fazer o bem, quanto mais nosso maravilhoso Pai celestial. Jesus aproveita para pregar a regra de ouro: fazer aos outros como queremos que nos façam. Isto serve também para a oração. Nunca ouvi dizer de alguém com um sério problema que fazia uma oração breve, sem fervor, do tipo “Pai, tu sabes tudo”, mas quando o problema é de outra pessoa, isto acontece. Não deve ser assim.

Jesus nos alerta sobre as facilidades do mundo, que conduzem à perdição, e as dificuldades do caminho de Deus, que conduzem ao Reino. Se alguém me diz que a vida com Jesus é difícil, eu concordo, mas replico: mais difícil ainda é passar a eternidade no lago de fogo.

Nestes tempos difíceis e em todos os tempos, surgem falsos profetas, lobos devoradores em peles de ovelhas, mas Jesus deu a chave para desmascará-los: seus frutos.

Algumas pessoas insistem em considerar os outros pelos dons espirituais que demonstram, mas Jesus ordenou-nos que olhássemos os frutos, pois fruto é aquilo que o homem dá, e é para Deus, mas dom é aquilo que Deus dá para o homem. Se quisermos considerar os dons, louvemos ao Senhor que é o dono dos dons, mas para considerarmos o caráter das pessoas e sabermos com quem estamos lidando, olhemos os frutos (Gl 5.22 e Ef 5.9).

Na verdade muitos que foram salvos por Jesus e tiveram a plenitude do Espírito Santo expressamente abandonarão a fé e não terão retorno (I Tm 4.1-2) e Jesus fala expressamente que muitos que profetizaram, expulsaram demônios e realizaram milagres não entrarão no céu, porque praticaram o mal!

A prática das palavras aprendidas é comparada a prudência de construir uma casa com sólido fundamento, e seu oposto é verdadeiro. Percebamos que aqui Jesus deixa bem claro que sobre a casa construída em sólido fundamento também cairá a chuva, transbordarão os rios, soprarão os ventos e darão contra tal casa. Nesta vida teremos aflições.

Aqui Jesus encerra seu primeiro discurso, e percebemos que as multidões de fato

havam se achegado a ele e aos discípulos, porque estavam maravilhadas com seu ensino. Jesus ensinava com autoridade, não como um mero repetidor da lei. Esta autoridade está hoje sobre a Igreja, para que sua Palavra seja levada às nações, muitos se convertam e o nome de Deus seja glorificado!

3 – Narrativa de milagres (8.1 a 9.34)

Jesus cura um leproso cheio de fé, contrariando a idéia que ao tocá-lo, Jesus ficaria impuro, mas é o toque do próprio Deus, o qual purifica e cura. A ordem de Jesus para ir mostrar-se ao sacerdote era para perfeito cumprimento da lei e para que o leproso fosse reintegrado à sociedade após o testemunho do sacerdote.

O episódio do centurião tem suscitado dúvidas, pois Mateus diz que o centurião dirigiu-se a Jesus, mas Lucas diz que ele enviou judeus a Jesus. Usando a técnica da harmonização entenderemos que ele deve ter enviado uma comissão de judeus para precedê-lo no contato com Jesus e, ao saber da vinda do mestre, enviou uma mensagem de humildade. Quando Mateus escreve que dirigiu-se a ele um centurião, entendemos que a comitiva vinha em nome do próprio centurião, homem de grande respeito, e falava por ele. Quando Mateus escreve que respondeu o centurião, nenhum problema há em entender que ele pode ter respondido por um mensageiro.

Tratada esta dificuldade, podemos nos maravilhar com este homem que deixou Jesus maravilhado. A bíblia relata que duas vezes Jesus ficou maravilhado, uma foi com a fé deste homem e a outra foi com a incredulidade de pessoas de sua cidade (Mc 6.6).

Neste momento Jesus profetiza a entrada de muitos gentios no Reino dos céus, sentando-se à mesa com os patriarcas de Israel, enquanto muitos descendentes destes patriarcas serão lançados fora por sua incredulidade. Ao final, o servo foi curado pela palavra de poder emitida por Jesus em resposta à fé do centurião.

Não podemos deixar de notar que é algo extraordinário para um centurião romano, invasor e dominador, tornar-se um que ama a nação de Israel, constrói a sinagoga e importa-se muito com um simples escravo. Eis um testemunho poderoso de amor ao Senhor, o criador do céu e da terra.

Na casa de Pedro Jesus toca a mão da sogra de Pedro e ela imediatamente fica boa, servindo-os. Ao anoitecer muitos endemoninhados foram trazidos a ele e com apenas uma palavra ele expulsou os espíritos, além de curar muitos doentes.

Jesus é abordado por um mestre da lei e um discípulo, os quais alegam quererem segui-lo, mas ele faz sérias advertências sobre a vida abnegada de um discípulo do Cristo, mostrando que seu caminho é realmente difícil.

Ao passar para o outro lado do mar, uma violenta tempestade caiu sobre o mar e começava a inundar o barco. Ao desespero dos discípulos Jesus responde com uma exortação e repreende os ventos e o mar, os quais obedecem. A reação dos homens ao perguntar quem era aquele demonstra sua falta de conhecimento das escrituras ou sua falta de fé, pois a resposta era óbvia.

Ao chegar ao outro lado, Jesus deparou-se com dois endemoninhados. Marcos e Lucas grafam o nome do local de forma diferente, o que não é problema, tratando-se de uma região remota da Galiléia que provavelmente era conhecida pelos viajantes e estrangeiros por mais de um nome. Mateus fala em dois endemoninhados e Marcos e Lucas falam em um só. Enquanto Mateus fala do evento como um todo, Marcos e Lucas concentraram-se em um deles, já que o caso dos dois era idêntico.

Estes homens estavam em um estado deplorável e nada havia conseguido detê-los em sua fúria demoníaca autodestrutiva. A presença de Jesus era tão poderosa que eles tomaram a iniciativa de falar com ele e declarar sua autoridade e poder. Os homens foram rapidamente libertos, mas o povo da cidade amava mais os porcos e pediu que Jesus se retirasse deles.

Novamente Mateus faz um relato breve, falando de um paralítico trazido a Jesus e que teve seus pecados perdoados. A reação dos homens foi de acusar Jesus de blasfêmia, por perdoar os pecados, mas Jesus dá a palavra final e mostra sua autoridade divina curando o homem, pois é mais fácil dizer que os pecados estão perdoados do que levantar o paralítico, já que a palavra pode ser dada sem autoridade, mas a cura testifica da autoridade.

A multidão fica cheia de temor e glorifica a Deus. Maravilhoso seria ver isso nos dias de hoje, uma multidão cheia de temor glorificando a Deus, coisa às vezes rara até mesmo na Igreja.

Percebamos aqui uma sutileza maravilhosa: Mateus diz na última parte do versículo 8 que Deus dera tal autoridade aos homens. Nós que nascemos após o Pentecostes sabemos que é assim, pois o evangelho está pronto e vivemos no tempo da graça, onde Deus opera através de servos e servas suas.

Intercalado ao ministério de milagres aparece o chamado de Mateus, o qual chama seus amigos publicanos e pecadores para uma refeição com Jesus e seus discípulos. A salvação produz este fruto maravilhoso, aquele que é salvo quer compartilhar a presença de Jesus com seus amigos. O contato de Jesus com esta gente produz nos fariseus uma revolta, pois eles novamente não compreendem o caráter do Reino, ainda estão presos aos seus preconceitos, ritualismos e orgulho.

Novamente o tema do jejum aparece, e Jesus deixa expresso que seus discípulos jejuariam depois de sua morte, mas dá um ensino adicional, comparando o remendo novo e o vinho novo ao novo modo de viver, o modo do Reino. Este modo não pode ser acomodado pelo tecido velho nem pelo odre velho. Jesus não faz caso do odre velho, mas quer um odre novo para guardar seu vinho novo. O velho judaísmo impregnado de sua religiosidade não poderia conter as verdades do Reino dos céus, assim como nenhuma religião pode conter o Reino em nossos dias, precisamos sempre ser odres novos.

Mateus retoma a narrativa de milagres juntando dois eventos: a ressurreição da filha do chefe da sinagoga e a cura da mulher com hemorragia.

Este chefe de sinagoga larga tudo o que tem, sua posição, seu prestígio, sua compostura e sua reputação e lança-se aos pés de Jesus, sujeitando-se ao Senhor e a ser rejeitado por seus companheiros. Sua fé foi recompensada.

Enquanto isso, uma mulher cheia de fé, desgraçada pela doença, chega-se e toca na orla do manto de Jesus e seu corpo é curado. Notemos que não foi o manto que curou, mas foi a fé da mulher! Não idolatremos o manto, adoremos o Senhor!

Ao chegar a casa do chefe da sinagoga, já era pranteada a sua morte, mas Jesus tem poder sobre a morte e levantou a menina. Esse acontecimento espalho-se por toda aquela região e nesse momento a Galiléia já fervilhava de idéias sobre a identidade de Jesus e seus planos para o futuro.

Os sinais produzem mais fé e agora dois cegos clamam ao Filho de Davi, reconhecendo-o não apenas como um rabino e um homem que curava, mas como o próprio Messias de Deus que libertaria Israel. Jesus desafiou a fé deles e eles responderam positivamente, como resultado, enxergaram.

Jesus queria agora o silêncio deles, pois não queria ser arrebatado pelas multidões como o chefe militar que eles queriam e esperavam, mas os dois o desobedecem e espalham a notícia. Ainda que bom o seu louvor, foi desobediente. Devemos obedecer a Jesus em tudo, mesmo quando achamos que algo que faremos é bom, pois a vontade dele deve prevalecer sobre a nossa.

Novamente levam a Jesus um homem endemoninhado. Este não podia falar, mas quando foi liberto, imediatamente começou a falar. A multidão declara que nunca se vira nada parecido em Israel, uma indicação da chegada do Messias, mas os invejosos fariseus, amantes de seus títulos nobres acusavam Jesus de ser aliado de satanás.

Devemos ter muito cuidado ao dizer que certas coisas não são de Deus porque não gostamos delas, não estamos acostumados a elas ou não as entendemos. A única base para considerarmos se algo procede do Pai é a Palavra do Pai, imutável, perfeita e eterna.

Encerramos aqui o estudo de hoje. Seguiremos na próxima lição por nosso estudo do Evangelho de Mateus. Para preparar-se, leia Mateus 9.35 até 13.52, se possível em diferentes traduções, e anote os pontos principais que lhe chamam a atenção, fazendo uma breve ficha de leitura sobre o que leu.

Para a elaboração deste estudo foram consultadas as seguintes fontes:

Archer, Gleason. **Enciclopédia de temas bíblicos: respostas às principais dúvidas, dificuldades e “contradições” da Bíblia.** São Paulo: Editora Vida, 2001.

Arrington, French L. e Stronstad, Roger (editores). **Comentário Bíblico Pentecostal Novo Testamento.** 2ª Edição. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembléias de Deus, 2004.

Bíblia de Estudo Aplicação Pessoal. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembléias de Deus, 2004.

Bíblia Sagrada: nova versão internacional. São Paulo: Sociedade Bíblica Internacional, 2000.

Earle, Ralph; Sanner, A. Elwood. E Childers, Charles L. **Comentário Bíblico Beacon. Vol 6: Mateus a Lucas.** Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembléias de Deus, 2006.

Pearlman, Myer. **Mateus: o Evangelho do Grande Rei.** 5ª Edição. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembléias de Deus, 2004.

Oliveira, Marcelo Ribeiro de. **ABSVD – A Bíblia Sagrada versão digital 5.8.0001 Almeida Corrigida, Fiel.** Blasterbit Software, 2005. Download disponível em <http://www.blasterbit.com/>

Walvoord, John F. **Todas as profecias da Bíblia.** São Paulo: Editora Vida, 2002.

Lição elaborada por Carlos Alberto Bornhofen, servo de Jesus Cristo.
[Http://www.geocities.com/malaquias316](http://www.geocities.com/malaquias316)